

## Capítulo I

pequena biografia de Spinoza

Roberto Leon Ponczek

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PONCZEK, RL. *Deus ou seja a natureza: Spinoza e os novos paradigmas da física* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. 352 p. ISBN 978-85-232-0608-6. Available from SciELO Books

<<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Parte I

A FILOSOFIA DE SPINOZA  
E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A FÍSICA



## CAPÍTULO I

### PEQUENA BIOGRAFIA DE SPINOZA

A biografia de Spinoza é bastante conhecida, e abordada por um sem-número de autores muito competentes. Seria assim aparentemente desnecessário começar este livro com um resumo biográfico que pode parecer precário e incompleto, se comparado às melhores biografias do filósofo. No entanto, para que o leitor conheça melhor, não só o apreço de Einstein por este pensador, mas entenda também as motivações do autor deste texto: buscar o “Spinoza que existe na Física”, será necessário repetir resumidamente alguns episódios da vida do filósofo, pois esta se constitui em si mesma num dos mais importantes elos que o ligam a Einstein, e, portanto, à Física.

Para entendermos melhor a vida, a Filosofia e as diversas influências que Spinoza sofreu, devemos conhecer a fundo não só a questão judaica envolvendo a vida do filósofo, mas também a história da formação da grande comunidade judaica sefaradita de Amsterdã. Tentarei, ainda que superficialmente, acompanhar o longo périplo do povo judeu até chegar à Holanda, no séc. XVII, e que pode ser desmembrado em quatro grandes acontecimentos: a diáspora de Israel na época de Cristo, a chegada e a longa permanência na Espanha, a fuga para Portugal, no final do séc. XV devido à Inquisição, e o novo êxodo para a Holanda no séc.XVII, onde finalmente nasceu o filósofo.

Inicialmente vou me reportar a cerca de dezesseis séculos antes de seu nascimento, mais precisamente ao ano 70 d.C., quando as legiões romanas comandadas por Tito invadem Jerusalém, destroem o Templo de Salomão (do qual hoje só resta o grande muro ocidental, o chamado Muro das Lamentações), e tentam transformar a cidade fundada pelo Rei David, cerca de 1000 anos antes, numa espécie de Roma oriental à qual denominaram de *Aelia Capitolina*. Aos judeus, só restaram duas alternativas: resistir a Roma ou simplesmente emigrar.

A despeito dos vários bolsões de resistência à invasão romana, a maior parte dos judeus, logo após a destruição do Templo, resolveu emigrar, fenômeno histórico denominado de a grande Diáspora Romana. Hoje, praticamente todos os judeus espalhados pelo mundo são descendentes desses primeiros emigrantes de Israel, que seguiram basicamente duas linhas migratórias. Uma delas, ao longo dos cursos dos rios Reno e Danúbio, tinha como destino a Europa Central, região chamada em hebraico de *Askenasia* onde hoje se situam Alemanha, Áustria, Polônia, Hungria, Rússia, República Checa, Ucrânia, Letônia, Lituânia etc. A outra leva de emigrantes preferiu a Península Ibérica, região denominada de *Sefaradia* e onde hoje se situam Portugal e Espanha. Após alguns séculos depois da diáspora, formaram-se duas grandes etnias judaicas: os *asquenasitas* da Europa Central, que, ao longo de séculos, adquiriram algumas características dos povos hospedeiros do centro-leste, como, por exemplo, a pele mais clara e cabelos alourados, e os *sefaraditas* da Península Ibérica, que mantiveram a pele morena e os cabelos castanhos mais escuros de seus ancestrais de Israel<sup>1</sup>.

Sete séculos depois da Diáspora Romana, nos situaremos mais precisamente em 711 d.C., quando os árabes invadem a Península Ibérica, conquistando a região, e estabelecendo, com os judeus ali radicados desde a divisão entre os impérios Romano e Bizantino, uma coexistência pacífica baseada na cooperação cultural e comercial. A comunidade judaica prosperava com o comércio de pedras preciosas, tecidos e iguarias do Oriente, e durante muitos séculos, ainda na Idade Média, judeus e árabes passaram a estudar a Ciência e a Filosofia gregas, tentando conciliá-las ao monoteísmo bíblico e muçulmano. Filósofos árabes, notadamente Averroes (Ibn Ruchd, em árabe), Alpetragius (Al Bitruji), Geber (Jabir Ibn Aflah), e judeus, como Maimônides (Moshé ben Maimon), Gersônides (Gershon ben Levi), Nachmânides (Moisés ben Nachman) que viveram na Península Ibérica por volta dos sécs. X, XI e

XII (motivo pelo qual os nomes dos principais filósofos árabes e judeus foram latinizados para facilitar a pronúncia e a referência nos meios cristãos ocidentais) incorporaram o saber grego, principalmente a filosofia de Aristóteles, a medicina de Hipócrates e Galeno, a geometria de Euclides e a astronomia de Ptolomeu, ao *Corão* e à *Torá*. Tentaram assim, antes de Tomás de Aquino, conciliar o saber grego com os Livros Sagrados. A vida cultural e comercial na Península Ibérica, notadamente na cidade de Córdoba, região da Andaluzia, em torno dos sécs. X a XIII, era tão intensa, e contrastava tão grandemente do restante de uma Europa em parte ainda semibárbara ou então dominada pelo dogmatismo cristão medieval, que não teria receio de dizer que o primeiro Renascimento europeu ocorreu justamente nessa região e nessa época. Judeus e árabes viveriam pacificamente na Península Ibérica até meados do séc. XV, quando assume o poder o casal Fernando de Aragão e Isabel de Castela, os chamados Reis Católicos, que declaram uma guerra santa tanto a muçulmanos como a judeus. Os que não cultuassem o catolicismo seriam expulsos, forçosamente convertidos ou posteriormente submetidos à Inquisição, quando eram julgados sumariamente como hereges ou infieis, sendo punidos com severos castigos, inclusive a fogueira, em rituais públicos denominados de autos de fé. Depois da expulsão dos árabes, os judeus seriam o principal alvo dos Reis Católicos. A lista de torturados e condenados à morte pela Inquisição é imensa e bem documentada<sup>2</sup>.

O objetivo principal de tais perseguições era menos a “purificação religiosa dos infieis” do que, na verdade, o saque e a pilhagem dos bens dessas famílias, fossem convertidas ou não, para assim levantar fundos para as campanhas de guerra e expansão do império espanhol. A perseguição culmina com o édito de expulsão dos judeus que não quiseram se converter ao Cristianismo, ocorrida na Espanha em 1492, e em Portugal em 1496.

Nesse fatídico ano de 1492 cerca de 120 mil judeus foram expulsos da Espanha pelos Reis Católicos, e cerca de 100 mil buscaram refúgio em Portugal, atraídos pela forma benigna como Portugal havia tratado os judeus até então. Os judeus portugueses criaram a “Nação Judaica Portuguesa” ou os “Homens da Nação”, como se autodesignavam. Mas tampouco em solo português estavam seguros. Segundo Bethencourt<sup>3</sup>, pressionado pelos Reis Católicos para expulsar os judeus de toda a Península Ibérica, D. Manoel I, que desejava desposar a filha herdeira do trono espanhol, acabou por ceder às pressões espanholas, encontrando uma ideia de erradicar o judaísmo sem, no entanto,

dispensar a habilidade e os recursos de seus membros, principalmente nas atividades de comércio e administração. A ideia consistia em restituir os direitos civis aos judeus, mas em troca de um preço exorbitante para alguns e impagável para a maioria: a conversão ao cristianismo. Em suma, o propósito de D. Manoel poderia ser assim resumido: batismo ou expulsão. Os que concordaram com o batismo passaram a ser conhecidos por conversos ou “cristão-novos”. No entanto, outra grande parte da comunidade, determinada a não abandonar a sua fé, se preparou para deixar Portugal. Em 1497, por ordem real, já no porto de embarque, milhares de judeus foram arrastados à força e levados às pias batismais para uma conversão coletiva forçada. O propósito de D. Manoel havia sido simplificado: conversão. Depois desse episódio, muitos continuariam a praticar a religião judaica a portas fechadas enquanto, de público, professavam a fé católica, dando início a uma prática muito comum na época, denominada de *criptojudaísmo*, ou seja, judaísmo oculto. Os que praticavam o judaísmo secretamente eram chamados de *marranos*, termo derivado de *mabanan*, que significa porco em árabe. A tradição marrana consistia na prática secreta de rituais como a circuncisão, o *bar mitzval*<sup>4</sup>, orações especiais no dia do *shabat*<sup>5</sup> e dietas alimentares próprias. A tradição começou na Espanha, antes do édito de expulsão de 1492, e tornou-se comum em Portugal depois de 1500.

Para apaziguar os ânimos dos cristãos recém-convertidos, o rei promete que nos próximos 20 anos ficariam proibidos quaisquer tipos de questionamentos sobre a vida religiosa dos conversos. O decreto real foi prorrogado por mais 20 anos que se revelaram fundamentais para a preservação da “Nação Judaica Portuguesa”. É relevante, no entanto, entender que em Portugal, ao contrário do que ocorrera na Espanha, os conversos (tanto os *marranos* quanto os que de fato passaram a adotar a fé católica) formavam um grupo relativamente coeso e organizado. Uniram-se principalmente para evitar a vinda e a instalação dos Tribunais de Inquisição em solo português. Foram bem-sucedidos apenas até 1536, quando, por influência e pressão direta da Espanha, o papa Sixtus IV autoriza a instalação do Santo Ofício em Portugal, presidido por um conselho, e este, por um inquisidor<sup>6</sup>. Dentre os mais famigerados inquisidores está Tomás de Torquemada, conhecido por sua crueldade, intolerância e fanatismo religioso, que escreveu um capítulo sangrento do Santo Ofício na Península Ibérica, e em suas colônias. Seu alvo principal foram os judeus assumidos e em seguida

os *marranos*. Em 1540, o primeiro auto de fé é realizado em Lisboa fazendo com que muitos judeus abandonassem o país. Ainda segundo Bethencourt, após o primeiro êxodo de Portugal, nem os conversos foram poupados de novas perseguições, sob a suspeita de não serem cristãos convictos e de estarem praticando o criptojudaísmo. No entanto, o grande êxodo de Portugal ocorreria após 1580, ano em que Felipe II, de Espanha, sobe ao trono português, iniciando a dinastia filipina que, até 1640, deteria o poder em toda a península ibérica. Despótico e absolutista, Filipe II era o mais fervoroso dos monarcas católicos da Europa. Desconfia de judeus conversos e odiava os protestantes, vendo neles uma ameaça à fé católica e ao seu império. Logo após sua subida ao trono em 1556, Filipe II iniciou forte repressão aos protestantes dos Países Baixos, provocando a eclosão de uma revolta liberal e a seguir a Guerra dos 80 anos contra as Sete Províncias do Norte, que reuniam as cidades de Utrecht, Haia, Leiden e Amsterdã, dentre outras. Após a vitória das Sete Províncias, esta última se proclamou independente da coroa espanhola, constituindo posteriormente a República Unida da Holanda.

Após a vitória sobre a Espanha, os holandeses aceitaram a emigração dos *sefaraditas* perseguidos na Espanha e Portugal, que estabeleceram em Amsterdã uma espécie de zona franca onde gozavam de relativa liberdade e tolerância religiosa. Segundo estatutos da nova república, nenhum de seus habitantes seria importunado por motivos religiosos. A Holanda se tornaria o primeiro país da Europa onde a liberdade de credo era garantida por lei, e onde os perseguidos religiosos ou políticos poderiam encontrar abrigo.

Por volta de 1600, o rei Felipe III, em troca de dinheiro, permite a saída dos conversos e *marranos* rumo a Amsterdã. Dentre os que emigram está José ben Israel, pai de Menasseh ben Israel, que se tornaria o mais importante rabino de Amsterdã e mestre religioso de Spinoza. Em 1625, Felipe IV instaura a Inquisição contra os *marranos* remanescentes, e em 1640 o rei português D. João IV lhes promove grande perseguição.

O estatuto da nova democracia holandesa favorecia os judeus que encontram na Holanda o porto seguro para os conversos e *marranos* cansados das perseguições na Península Ibérica. Amsterdã foi fundada no séc. XIII, mas somente após a consolidação da República da Holanda no séc. XVII é que, atraídos pela tolerância religiosa, os conversos portugueses começaram a se estabelecer na radiante cidade. No entanto, desde o édito dos Reis Católicos até a chegada à Holanda, muitas gerações já haviam se passado, e grande



parte dos conversos tinha perdido o vínculo com suas reprimidas raízes judaicas, nutrindo uma ferrenha vontade de resgatá-las com certa pressa e com forte dose de ortodoxia e conservadorismo. Há relatos sobre a chegada de várias famílias em 1593. Instalaram-se principalmente em Vloocienburg, delta do rio Amstel, que ficaria a partir de então conhecido como o bairro judeu. Documentos comerciais da época mostram que, apesar de haver muitos espanhóis, a maioria dos membros das duas recém-formadas congregações Bet Yacoov e Neve Shalom era constituída de portugueses. Curiosamente, até hoje os avisos das casas judaicas de oração da Holanda são escritos em português. Na Amsterdã dessa época, dizer-se que alguém era “português” era praticamente equivalente a dizer que era judeu.

Em 1618 uma dissidência na comunidade Bet Yaacov cria a terceira comunidade judaica de Amsterdã, a Bet Israel. Vinte anos mais tarde, em 1639, as três congregações sefarditas se unem criando a Talmud Torá. A grande sinagoga na rua Houtgracht foi escolhida como o lugar de culto da congregação unificada. Neste local, Spinoza se iniciará em seus estudos talmúdicos, e também será este o cenário dos tristes incidentes que culminariam com sua punição.

De uma participação relativamente modesta, no início do séc. XVII, a Nação Portuguesa de Amsterdã logo adquiriu importância no comércio internacional. Destacara-se na importação de tabaco, seda e pedras preciosas. Dispunha também de suficiente estrutura comercial para abrir o mercado a um produto novo: o açúcar de cana. Após a invasão de Pernambuco pelos holandeses da Companhia das Índias Ocidentais em 1630, uma leva de judeus deixou Amsterdã fixando-se em Recife, onde fundaram a primeira sinagoga das Américas. Esta sinagoga situada na cidade velha de Recife foi recentemente restaurada, permitindo interessantes estudos sobre a religião e a forma de vida dos marranos portugueses de Amsterdã. Conhecê-la é também conhecer um pouco de Spinoza, pois um ramo de sua família emigrou ou esteve em nosso país.

Resumidamente, a Holanda converte-se assim na primeira metade do séc. XVII no principal destino da maioria de judeus fugidos da Península Ibérica, tornando-se pouco tempo depois um dos mais importantes entrepostos comerciais, sede da Companhia das Índias Ocidentais e Orientais, além de um grande centro cultural da Europa. Muitos ilustres pensadores e artistas que viveram na Holanda do séc. XVII exemplificam bem sua importância cultural. Descartes, o grande mentor filosófico de Spinoza, aí se

estabeleceria como combatente voluntário do exército holandês, e, segundo alguns, para fugir da estreiteza do pensamento na França submetida ao férreo controle religioso do Cardeal Richelieu. O mais célebre jurista e historiador da época, Hugo de Grotius, considerado o pai do Direito Internacional, ficou encarregado de redigir um instrumento jurídico que definisse o status legal dos judeus recém-chegados. Os pintores da escola flamenga Rembrandt e Johannes Vermeer e o físico Christian Huygens, que estabeleceu a teoria ondulatória da luz, também podem exemplificar a efervescência cultural da Holanda do séc. XVII.

Rembrandt van Rijn (1606-1669), considerado unanimemente o maior pintor flamengo, em 1639 passou a residir no bairro judeu numa ampla casa, situada no número 4 da rua Breestraat, na ilhota de Vlooeienburg, na mesma época em que Spinoza com 7 anos ensaiava seus primeiros passos em direção à sinagoga vizinha. Portanto não seria absurdo supor que, em determinado momento, os dois gênios tivessem se encontrado ou pelo menos se cruzado nas estreitas vielas que margeiam os canais de Amsterdã. Embora Rembrandt tivesse retratado diversas personalidades judaicas da época, nenhum *portrait* de Spinoza foi encontrado até hoje.

A cultura e os centros de estudos judaicos renasciam depois de um longo período de trevas em território ibérico, e muitos conversos e marranos reassumiriam a sua religião original, e a família portuguesa Espinosa, recém instalada na Holanda, também. Depois de mais de um século de perseguições, renascia em Amsterdã, forte e vibrante, a Nação Judaica Portuguesa. Apesar de sua relativa integração econômica e social à vida holandesa, os Homens da Nação estabeleceram uma comunidade extremamente ortodoxa e comprometida com a exegese das leis e ensinamentos judaicos interpretados à risca e sem grandes aberturas a especulações filosóficas ou hermenêuticas. Amsterdã se tornara o local onde os conversos tinham a oportunidade de retornar à religião de seus ancestrais da Espanha e Israel, mas a retomada da prática religiosa foi um processo difícil para alguns judeus livres-pensadores como Spinoza, Uriel da Costa, Juan de Prado ou Daniel de Ribera, que se defrontaram com uma sociedade extremamente tradicional na qual a Bíblia era lida com uma ortodoxia que impedia a interpretação de suas metáforas. Este seria o cenário histórico onde nasceria o nosso filósofo.

De forma resumida, pode-se dizer que Baruch Spinoza (1632-1677) que, em português, se traduz por Benedito ou Bento de Espinosa, segundo

grafia preferencialmente adotada por biógrafos de língua portuguesa<sup>7</sup>, foi um filósofo nascido na Holanda de pais judeus portugueses, obrigados a abandonar Portugal pelo longo período de perseguições que se sucedeu ao mencionado édito de expulsão de D. Manoel I, ocorrido em 30 de novembro de 1496.

Os Espinosa eram tipicamente uma família de sefaraditas portuguesas, ou seja, legítimos membros da “Nação Judaica Portuguesa”. Baruch descende, por parte de pai, das famílias Álvares e Rodrigues de Espinosa. Seu pai chamava-se Gabriel Álvares de Espinosa. Por parte de mãe, ele descende das famílias Nunes, Garcez e Gomes originárias da cidade do Porto. Sua mãe chamava-se, de solteira, Ana Débora Gomes Garcez. A genealogia de Spinoza é assim tipicamente portuguesa<sup>8</sup>. Foi descrito fisicamente como esbelto, moreno, com longos cabelos castanhos cacheados e grandes olhos escuros, descrição que está próxima à aparência da maioria dos judeus sefaraditas.

O pai de Spinoza, Gabriel ou Miguel, era um desses marranos, fazendo o jovem Baruch começar, aos seis anos de idade, seus estudos frequentando a *yeshivá*<sup>9</sup> da grande sinagoga *Talmud Torá* de Amsterdã, sendo discípulo dos rabinos Saul Levi Morteira, com quem se desentenderia posteriormente, e o já mencionado Menasseh ben Israel, de nome português Manoel Dias, cujos ensinamentos tornaram-no profundo conhecedor do misticismo (Cabala) e do racionalismo (Talmud) judaicos, o que poderia credenciá-lo ao rabinato.

Segundo Ernest Renan:

Essa potente tradição de idealismo e de esperança contra toda a esperança, essa religião que obtém de seus adeptos os mais heróicos sacrifícios, sem que pertença a sua essência, nada promete para além da vida. Esse foi o meio são e fortalecedor no qual se desenvolveu Spinoza. Sua educação foi, inicialmente, hebraica por completo: essa grande literatura de Israel foi sua primeira e, melhor dizendo, sua perpétua mestra, a meditação de toda a sua vida<sup>10</sup>.

Spinoza falava espanhol, português como língua materna, holandês, francês e o ladino (português espanholado falado pelos judeus ibéricos, ou seja, uma espécie de “portunhol” da Idade Média). Além disso, conhecia bem o latim e o hebraico ao qual dedicaria uma *Gramática da Língua Hebraica*.

Sua biografia é realmente uma das mais fascinantes da História da Filosofia. Embora tivesse sido iniciado por seu pai no mundo dos negócios, tendo na infância as facilidades somente disponíveis às famílias mais abastadas, a pureza de sua alma levou-o posteriormente a recusar cargos e honrarias e a levar uma

vida das mais frugais. Lê-se em várias fontes que Spinoza, indicado por Leibniz, foi procurado por J. Fabritius, emissário do eleitor Carlos Ludovico, que lhe propôs um contrato para lecionar em Heildelberg, assegurando-lhe liberdade de expressão. “*Vossa liberdade será inteira*”, disse-lhe Fabritius, acrescentando, porém: “*porque o príncipe está convencido de que dela não abusareis para perturbar a religião estabelecida*”, mas este adendo não agradou a Spinoza que lhe respondeu na carta XLVIII:

Eu não compreendo bem em que limites será preciso encerrar esta liberdade de filosofar que me querem dar de bom grado, sob condição de não perturbar a religião estabelecida e depois o que eu desse de instrução à juventude me impediria a mim mesmo de avançar na filosofia. Só consegui obter uma vida tranquila sob a condição de renunciar a toda a espécie de lições públicas<sup>11</sup>.

recusando em seguida o cargo.

Continuou, ao longo de sua vida, agindo sempre em defesa da independência e isenção de suas ideias. Como exemplo de sua vida frugal e desprovida de ambições pessoais, depois da morte de seus pais, optou por habitar sempre em pequenos quartos de aluguel. Em ordem cronológica inversa, viveu em Pavilioensgracht, em Haia, onde completou a *Ética* e um pouco antes numa rua próxima, a *Stillverkade*. Antes de se mudar para Haia, viveu durante 7 anos em Voorburg, pequeno vilarejo próximo de Haia e antes por 2 anos na bucólica Ryjnsburg, situada à beira do Reno, próxima de Leiden, a meio caminho entre Amsterdã e Haia. Depois de sua saída da casa de família em Amsterdã, viveu em várias moradas nesta cidade. Ele nunca foi proprietário de uma casa e nunca ocupou mais do que dois cômodos: um dormitório e uma sala de trabalho. Segundo seu primeiro biógrafo, um pastor luterano contemporâneo de nome Colerus, Spinoza chegou a ser considerado, por um de seus senhorios, o casal Van der Spyck, como uma espécie de eremita ou até mesmo santo:

Quando estava em casa não incomodava ninguém; ele passa a maior parte de seu tempo tranquilamente em seu quarto. Quando lhe acontecia encontrar-se fatigado por ter-se envolvido demais em suas meditações, ele descia e falava aos da casa de tudo o que podia servir de assunto a um entretenimento comum, até mesmo de frivolidades<sup>12</sup>.

Em decorrência da forma radical com que sempre defendeu suas ideias, sem fazer concessões, morreu pobre como polidor de lentes, ofício este que o levou a contrair uma infecção pulmonar provocada provavelmente pelo pó

de vidro que respirava horas a fio, e que seria a causa de sua morte precoce. Segundo outras fontes, o problema foi agravado porque quando mais jovem foi um fumante inveterado de cachimbo. Quando seus amigos perguntavam-lhe: “*Como um grande pensador como V.S. pode ser um modesto polidor de lentes?*”— costumava responder-lhes, inspirado no exegeta bíblico Gamaliel: “*um homem inteligente que não tiver um ofício tornar-se-á um patife*”. Ainda segundo Colerus, costumava também surpreender o atônito casal Von der Spyck, ao satisfazer-se apenas com um prato de mingau de aveia, com um pouco de manteiga e passas. “*É incrível*”, escreveu Colerus, alojado na mesma casa, “*com quão pouco de comida ou bebida ele parecia estar satisfeito*”<sup>13</sup>.

Spinoza queria sobrepujar as paixões. Ele certamente praticou o que pregava. Nunca em sua vida ficou raivoso ou perdeu o controle (das emoções) a despeito das inúmeras provocações que sofrera. Era autodisciplinado a ponto de heroísmo. Todo pecado era devido à ignorância, dizia. A miséria deve ser entendida em relação às suas causas, e como uma parte da ordem total da natureza. Uma vez isto entendido, não se é levado à tristeza, ódio ou desejo de vingança<sup>14</sup>.

Preferiu assim a solidão e a frugalidade a ter que fazer concessões às instituições, quer fossem religiosas ou acadêmicas. Seu pai, próspero mercador da comunidade judaica de Amsterdã, e um de seus mais importantes membros beneméritos, deixou-lhe grande fortuna, fato este questionado por sua meia-irmã Rebeca, que reivindicou para si parte dos bens. Vitorioso nos tribunais, abdicou da fortuna desejando para si apenas o *ledakant*, que pertencera a seus pais e sobre o qual veio a falecer. O *ledakant* era uma cama de dossel que a um simples puxão de cordões poderia ficar isolada por um grosso cortinado de cetim, e que somente os mais abastados membros da burguesia holandesa podiam se dar ao luxo de possuir. O leito conjugal de seus pais foi o único luxo que Spinoza se permitiu e o único abrigo seguro que encontrou em sua curta existência. O seu inventário de bens é comparável aos dos santos da tradição católica, que fizeram voto de pobreza, como São Francisco de Assis<sup>15</sup>.

Outro bem documentado exemplo da pouca apetência que Spinoza tinha aos bens materiais envolve as várias ofertas de ajuda financeira que lhe fez um amigo holandês, Simon de Vries. Inicialmente de Vries tentou convencê-lo em vão a aceitar uma renda anual. Depois, quando já em seu leito de morte, de Vries quis fazê-lo seu herdeiro, Spinoza ainda teve tempo de dissuadi-lo, aceitando apenas uma módica quantia anual de 500 florins. Quando de Vries

morreu deixando no testamento a tal renda, Spinoza procurou o irmão do falecido para em comum acordo reduzir a quantia para 300 florins. Ao que tudo indica, a aveia, as passas, as poucas roupas surradas, a pequena biblioteca e o aluguel de seu cômodo somados não custavam mais do que 300 florins ao ano... Ele não precisava de mais nada e viveu exatamente como havia escrito: o dinheiro é importante apenas na medida das necessidades.

Spinoza foi um filósofo do mundo, mas também judeu, e, por sua vontade, jamais deixaria de sê-lo; se foi considerado um “mau judeu”, por alguns dirigentes da Talmud Torá, que acabaram por expulsá-lo da comunidade, isto se deveu à estreiteza de visão do judaísmo da época, e, particularmente, à clausura religiosa que estavam submetidos os sefaraditas portugueses, radicalmente reconvertidos ao judaísmo, avessos a qualquer secularização da cultura tradicional. Segundo E. Renan, a comunidade da Sinagoga de Amsterdã (como vimos, composta, em sua maioria, de sefaraditas portugueses), depois de séculos de perseguições medievais e inquisitoriais teve, no séc. XVII, o seu espírito enfraquecido e amedrontado, tendo-se apegado a estreitos parâmetros, morais e legais, que conduziam a uma exegese bíblica tímida e eivada por um convencionalismo religioso:

A literatura hebraica, assumindo o caráter de um livro sagrado, tornou-se objeto de uma exegese convencional, na qual se tratava menos de explicar os velhos textos, no sentido de seus autores, do que nela encontrar um alimento para as necessidades morais e religiosas dos tempos. O espírito penetrante do jovem Spinoza viu logo todos os defeitos da exegese da Sinagoga. A Bíblia que era professada estava desfigurada por mais de dois mil anos de contrasensos. Ele quis ir além. No fundo ele estava com os verdadeiros pais do judaísmo, como, em particular, o grande Maimônides, que havia encontrado meio de introduzir, no judaísmo, as mais fortes ousadias da Filosofia. Ele entrevia, com sagacidade maravilhosa, os grandes resultados da exegese crítica que devia cento e vinte cinco anos mais tarde dar a inteligência verdadeira das mais belas obras do gênio hebreu<sup>16</sup>.

De fato, a concepção filosófica de Spinoza era demasiadamente moderna para uma época de grandes e rápidas transformações científicas e políticas, levando-o a conclusões que o distanciaram da estreiteza do judaísmo oficial professado em sua época, o que acabou lhe custando a expulsão do seio da comunidade sefaradita de Amsterdã. Ele tinha de fato grandes adversários dentro e fora dessa ortodoxa comunidade. Seu mais famoso e preparado oponente foi um certo José Oróbio de Castro, ex-marrano português, famoso erudito do

Talmud, nomeado como uma espécie de inquisidor, que tentou refutar as teses de Spinoza empregando os mesmos métodos geométricos de nosso filósofo.

Kaplan<sup>17</sup> sustenta que certos *marranos*, como José Oróbio, para preservar suas vidas, tiveram de se afastar do meio judaico, e quando a ele retornaram o fizeram com uma ferrenha ortodoxia, para assim aliviarem-se de seus sentimentos de culpa e frustração. Já outros, como Uriel da Costa<sup>18</sup> e Juan de Prado, dois sefaraditas dissidentes que defendiam, dentre outras coisas, o princípio da não imortalidade da alma; quando em contato com as filosofias seculares e com a ciência contemporânea, acabaram como Spinoza, por refutar essa mesma ortodoxia, tornando-se depois ovelhas desgarradas do judaísmo oficial. Ovelhas desgarradas deixarão, no entanto, de ser ovelhas?

Algumas tentativas foram feitas, de parte a parte, para se chegar a uma reconciliação, porém, de um lado, a óbvia recusa do filósofo de mudar uma vírgula sequer de suas ideias<sup>19</sup>, e de outro, a intransigência de uma comunidade conservadora, acuada e insegura, levou ao rompimento definitivo. Em 1656, Spinoza recebeu o *cherem*, espécie de sentença de expulsão da comunidade. Apesar da violência verbal do texto, lido *in absentia*, e mesmo tendo Spinoza sido expulso da comunidade, o seu *cherem* foi uma pálida versão do equivalente católico, o auto de fé. Mesmo em alguns casos extremos, como o de Uriel da Costa, quando lhe foram aplicadas 39 chibatadas, a punição não é comparável à fogueira nem à câmara de torturas, a que foram condenados os hereges da Inquisição. Além disso, o *cherem* tem validade apenas local, e, portanto, também não deve ser comparado à excomunhão papal, de validade global. Ainda assim, o *cherem* de Spinoza foi um dos mais tristes episódios da história do judaísmo culto, pois foi uma das raras vezes em que a comunidade judaica pôde ser considerada como algoz e não a vítima da situação.

Para o azar de todos e da História, a única pessoa que seria capaz de apaziguamento dos espíritos, o erudito rabino cabalista Ben Israel, retratado num célebre *portrait* por Rembrandt, encontrava-se na Inglaterra, em missão diplomática, tentando convencer o ministro Cromwell a abrir as portas inglesas aos judeus fugidos da Europa Central.

Johnson<sup>20</sup> sustenta que a razão da expulsão de Spinoza deveu-se menos a um conflito direto com o judaísmo do que ao medo que a recém-estabelecida comunidade judaica de Amsterdã tinha de que suas ideias desagradassem a setores mais radicais do protestantismo. Uma dissensão interna poderia evidenciar uma falta de controle da comunidade judaica sobre seus membros,

provocando uma nova onda de perseguições, levando a comunidade recém-expulsa da Península Ibérica a uma nova diáspora ou pelo menos à perda de sua relativa liberdade. De fato, apesar da prosperidade econômica da Nação Judaica Portuguesa em Amsterdã, esta vivia constantemente atormentada pelo medo de que qualquer desvio ideológico ou religioso de um de seus membros pudesse ser mal recebido pelas autoridades calvinistas da Holanda, provocando represálias contra toda a comunidade.

De forma semelhante, Kaplan<sup>21</sup> sustenta que a expulsão de Spinoza foi uma satisfação da comunidade judaica dada aos governantes holandeses para assim se eximir de qualquer responsabilidade sobre o que dizia o nosso filósofo. No entanto, esses motivos não absolvem seus dirigentes de uma intransigente ortodoxia, e, no mínimo, acomodação e conformismo. Afinal, ideias bem mais tolerantes circulavam entre algumas seitas liberais protestantes holandesas. Por outro lado, um juízo *a posteriori*, dado há mais de três séculos depois do fato, leva à necessidade de um referencial ético e a outras comparações contemporâneas. Novamente as punições inquisitoriais podem servir como padrão de tolerância da época. É assim inevitável supor que o *cherem* imposto a Spinoza, com seus termos virulentos<sup>22</sup>, foi relativamente mais brando do que a condenação e prisão impostas, em 1633, pelos Cardeais do Vaticano, a um inofensivo Galileo, já em idade avançada, ou à cruel imolação nas fogueiras dos autos de fé a que foi submetido Giordano Bruno, em 1600. A comunidade judaico-portuguesa de Amsterdã tinha ainda a seu favor o argumento de que, com respeito aos questionamentos religiosos, Spinoza foi bem mais contundente que seus colegas italianos. Desta forma, se comparado às ideias liberais de algumas seitas protestantes, o castigo imposto a Spinoza parece demasiadamente duro, mas se comparado às punições coevas da Igreja Católica, ele foi brando.

Segundo Chauí<sup>23</sup>, se as teses de Spinoza contrariam em princípio alguns aspectos da Torá, notadamente a transcendência e a incorporeidade de Deus, por outro lado, não estão em desacordo com a concepção imanentista da cabala, de um universo que se confunde com Deus e suas emanações. É certo que havia uma disputa antiga no interior do judaísmo, envolvendo talmudistas e cabalistas, mas isso nunca foi motivo para rupturas ou dissensões tão graves.

*A cabalá*, considerada como aceitável para muito judeus, era de tendência panteísta; o Zohar<sup>24</sup> tem muitas passagens que sugerem que Deus é tudo e tudo é Deus. Vinte anos depois da morte de Spinoza, o rabino sefaradita de



Londres, David Nieto esteve em apuros por produzir uma obra em espanhol, “Sobre a Divina Providência”, que identificava a natureza com Deus. A polêmica foi julgada pelo grande talmudista Zevi Ashkenasi de Amsterdã, que sentenciou que a obra de Nieto não só era aceitável como também comum a vários pensadores judeus<sup>25</sup>.

Não fosse assim, a grande instabilidade política da Europa, da Holanda em particular, e a ausência de Ben Israel, o conflito provavelmente poderia ter sido resolvido, de forma menos traumática, no interior da comunidade judaica de Amsterdã, ainda que esta não pudesse ser considerada, como vimos, exatamente como liberal ou mesmo tolerante a ideias heterodoxas.

As indagações e questionamentos de Spinoza, que mais causaram polêmica e resistência na comunidade judaica de Amsterdã do séc. XVII, foram basicamente se o mundo seria o corpo material de Deus e causa imanente de todas as suas transformações (ideia que sua filosofia poderia conter nas entrelinhas e contrária à ideia bíblica de um Deus incorpóreo, transcendente e criador); se a alma seria imortal e distinta do corpo (ideia platônica da qual a sua filosofia se afastava, e que foi incorporada ao Cristianismo) ou ainda se os mortos ressuscitariam com a vinda do Messias, ideias que já tinham sido questionadas antes por Uriel da Costa, Juan de Prado e Daniel de Ribera, valendo também, aos dois primeiros, humilhantes punições da comunidade judaica de Amsterdã. Spinoza argumentava que estas duas últimas crenças não constavam da Torá (Pentateuco), estando escrita apenas no Livro dos Profetas (Isaías e Daniel) ao qual pouco crédito dava. No Tratado Teológico Político, Spinoza defende a tese de que os discursos dos profetas se revestem de aspectos psicológicos, lingüísticos e idiossincráticos, não podendo ser considerados, pois, como fontes confiáveis de saber ou verdades reveladas, sem antes serem submetidos a uma hermenêutica que leve em consideração os simbolismos e as minúcias da língua hebraica, à qual o filósofo dedicou parte de seus estudos. Para Spinoza, os profetas eram humanos e não supra-humanos:

Isto não é pensar, e sim sonhar, crer que os profetas tiveram um corpo humano e não tiveram uma alma humana, e, por conseguinte, sua ciência e suas sensações foram de uma natureza distinta da nossa<sup>26</sup>.

Para não cometermos anacronismos simplificadores e pensar o séc. XVII como se fosse o século das luzes, devemos nos lembrar novamente que Spinoza viveu em uma época em que os judeus, com os espíritos embrutecidos por

perseguições medievais e sucessivas diásporas, não tinham um território e sequer uma língua a que se apegar. Muitos dos *marranos* até os costumes judaicos haviam esquecido, outros ao judaísmo retornaram com uma incomum ortodoxia, senão franca intransigência religiosa. A Bíblia era assim “a pátria portátil dos judeus”, à qual deviam apegar-se com fanatismo e fervor, e quaisquer questionamentos, mesmo que nos seus menores e mais sutis detalhes históricos, filosóficos ou psicológicos, poderiam pôr em risco a sobrevivência de uma comunidade instável e apegada a uma estreita exegese bíblica, na época necessária à sua sobrevivência em solo holandês. Logo após sua triste expulsão da comunidade judaica, o jovem marrano português Baruch de Espinosa havia se tornado o cidadão do mundo Benedictus Spinoza.

Segundo Chau<sup>27</sup>, Spinoza não se integrou à comunidade protestante de Amsterdã. Mesmo se o tentasse, suas ideias eram demasiadamente ousadas para serem aceitas por um protestantismo dogmático, irremediavelmente dividido em diversas seitas, como a dos gomaristas, radicais que defendiam os dogmas medievais do cristianismo como a Santíssima Trindade, apoiando a restauração da monarquia; os arminianos, bem mais liberais, republicanos que apoiavam os reformadores irmãos de Witt, além dos pietistas, os anabatistas, socinianos, antitrinitaristas etc. O protestantismo ainda se debatia contra a Igreja Católica para se consolidar como religião oficial em alguns países da Europa, fato este que culminaria com a eclosão da Guerra dos Trinta Anos entre protestantes e católicos. Assim, depois do *cherem*, Spinoza tornou-se um dos mais solitários homens da História da Filosofia e, por esse motivo, chegou a ser conhecido como “o marrano solitário” ou o “eremita de Ryjnsburg”.

Ainda segundo vários biógrafos, Spinoza foi perseguido, e por muitas vezes teve que fugir ou então se calar para salvar a vida. Quando a monarquia foi restaurada na Holanda, trazendo de volta ao trono a dinastia da casa de Orange, uma turba enfurecida assassinou os irmãos de Witt, dirigentes republicanos, admiradores e protetores do filósofo. Este normalmente uma pessoa muito comedida, insensatamente resolveu sair às ruas para protestar contra “este ato de barbárie”. Felizmente foi contido a tempo por amigos que o convenceram, com muita dificuldade, de ficar em casa. Lembrando que seus pais foram expulsos de Portugal pela Inquisição Católica, conclui-se que Spinoza foi injustiçado por todas as religiões monotéistas ocidentais. Se para a ortodoxia judaica, sua filosofia era inaceitável, por negar a transcendência

de Deus e a verdade revelada pelos profetas, para a ortodoxia cristã, era demasiadamente judaica, senão francamente atea<sup>28</sup>.

Como já fiz antes, não deixa de ser tentador comparar Spinoza a Galileo Galilei e Giordano Bruno, pela tenaz luta dos sábios italianos contra a ortodoxia dos cardeais do Vaticano. Enquanto Bruno defendia a ideia de um universo infinito, e, portanto sem centro, Galileo opôs-se a outorgar a quaisquer livros o poder de negar a evidência dos sentidos. A exemplo destes, Spinoza também sofreu acusações de heresia por parte dos exegetas ortodoxos da época. Além disso, o filósofo sefaradita superou o judaísmo aristotélico de Maimônides com um racionalismo inspirado inicialmente por Descartes e pela nova ciência pós-renascentista de Bruno, Copérnico e Kepler, criando um panteísmo racional e secular, facilmente assimilável a uma grande parte das gerações científicas e filosóficas futuras. No entanto, depois de sua morte, em 1677, seu nome foi praticamente deletado dos anais de filosofia, e publicar ou vender seus livros era considerado crime. Defender Spinoza era como cometer suicídio acadêmico, e assim poucos filósofos ousaram sequer citá-lo de forma positiva. Até o grande Kant recusou-se a lê-lo. O “espinosismo” tornara-se sinônimo de uma seita pestilenta, diabólica, ímpia ou herética. O tabu e a mística negativa em torno de Spinoza levaram mais de um século para serem superados. Em pleno século das luzes, depois da publicação do *Espírito das Leis*, Montesquieu, quando censurado pelo Vaticano, teve que negar que a sua concepção de estado, leis, ética e política eram de inspiração spinozista. Voltaire, com o escárnio habitual, a ele se refere como o “judeu de nariz grande e pele clara de espírito sutil, mas vazio”. Alguns outros pensadores do Iluminismo, como os enciclopedistas Diderot e D’Alembert, usaram de subterfúgios para escrever sobre Spinoza. Dedicavam-lhe espaços consideráveis, mas evados de críticas. Alguns pesquisadores dessa época sustentam que esta foi uma estratégia velada para ressuscitar sua filosofia nos meios acadêmicos. Como exemplo da virulência com que era atacado, é interessante reproduzir o diálogo que Spinoza teve com um de seus ex-alunos, Albert Burgh, respondendo-lhe nas cartas LXVII e LXXVI, com elegante astúcia, às mais torpes acusações.

**Burgh:** “O senhor admite que encontrou a verdadeira filosofia. Como sabe que a sua filosofia é a melhor de todas que se ensinaram, ensinam ou ensinarão? Já examinou todas as filosofias antigas e modernas que são ensinadas aqui na Índia e no mundo? E mesmo supondo que as tenha examinado, como sabe

que escolheu a melhor? Como ousa colocar-se acima de todos os patriarcas, profetas, apóstolos, mártires, médicos e confesores da Igreja?

**Ainda Burgh:** sendo um homem miserável e um verme sobre a Terra como pode enfrentar a sabedoria eterna com sua blasfêmia? Que orgulho demoníaco o infla a ponto de fazê-lo julgar mistérios que os próprios católicos declaram ser incompreensíveis?

**Spinoza:** Vós que admitis ter encontrado finalmente a melhor religião, ou antes, os melhores mestres, como sabeis que eles são os melhores entre aqueles que ensinaram, ensinam ou ensinarão? Já examinaste todas as religiões, antigas ou modernas que são ensinadas aqui na Índia e no mundo inteiro? E mesmo supondo que as tenha examinado como sabeis que escolheste a melhor?<sup>29</sup>

Somente depois do Iluminismo, na virada do séc. XVIII ao XIX, a influência de Spinoza tornou-se não só confessável como louvável. O poeta Goethe, os filósofos Friedrich Heinrich Jacobi, Friedrich von Hardenberg Novalis e Gotthold Lessing manifestam de público a sua admiração pelo outrora execrado marrano de Amsterdã.

Também nos meios judaicos, com o surgimento da *Haskalá*, a contrapartida judaica do Iluminismo francês ou do *aufklärung* alemão, que teve em Moses Mendelssohn (avô do compositor romântico Felix Mendelssohn) um de seus maiores expoentes, Spinoza não só foi reabilitado, como tido o mais importante precursor dos movimentos de secularização, esclarecimento e modernização de uma cultura judaica até então fechada em seus estreitos limites religiosos. Em meados do séc. XIX, Spinoza foi considerado pela própria *intelligentzia* judaica, notadamente germânica, o mais importante pensador judeu desde Maimônides.

Havia no início do séc. XIX uma determinada tentativa dos judeus esclarecidos de se opor a uma apresentação do judaísmo como continuação do obscurantismo medieval, e influenciados por Spinoza e Voltaire, de substituir a imagem de um judeu praticante, pela de um judeu intelectualmente atraente. O primeiro requisito era de estabelecer uma ponte entre o judaísmo rabínico e o conhecimento secular. Mendelssohn e alguns de seus seguidores como Naphthali Herz Honberg e Hartwig Wessely queriam renunciar à educação tradicional religiosa e abraçar a forma da religião natural<sup>30</sup>.

Einstein, juntamente com Marx, Engels e Freud, considerado a mais importante personalidade desse movimento de emancipação da cultura judaica, iniciado no séc. XIX, percebe na identidade judaica de Spinoza um forte fator de empatia e aproximação:

Para aqueles judeus que romperam com a tradição, ateístas no sentido de um Deus antropomórfico, como Spinoza e Einstein, o judaísmo é, entretanto um importante elemento de suas personalidades (...) Einstein nota que a concepção de Spinoza do mundo estava impregnada pelo pensamento e pela sensibilidade característicos da inteligência judaica na plenitude de sua vida, “eu sinto”, escreveu ele, “que não poderia estar tão próximo de Spinoza se eu próprio não fosse judeu”<sup>31</sup>.

Ainda segundo Einstein, em carta a Hoffman, Spinoza foi a mais profunda e pura alma que o nosso povo judaico produziu (Spinoza was the deepest and purest souls our Jewish people has produced)<sup>32</sup>. Como veremos adiante, com mais cuidado, Einstein, encontrou motivação em alguns conceitos spinozianos, como o de um Deus imanente à natureza, a isonomia ontológica entre corpo e mente e uma rígida causalidade que produzirão, a meu ver, uma grande ressonância em Einstein (ver capítulo VI). Freud embora reconhecendo que o *conatus* spinozista, como potência irracional de preservação da existência (ver capítulo II), é relevante para a sua concepção do inconsciente, prefere, no entanto, se omitir de fazer referências mais explícitas.

Depois da era das luzes, ou seja, do Iluminismo francês, da Haskalá judaica e do *Aufklärung* alemão, o pensamento de Spinoza não poderia mais se constituir numa ameaça a quaisquer religiões esclarecidas, muito menos ao judaísmo secularizado pela Haskalá, representando uma necessária renovação e adaptação a uma visão de mundo que se harmonizaria com a Ciência e a Filosofia pós-renascentista. Se possível fosse apagar das páginas da História o triste *cherem* de Amsterdã, os judeus do séc. XIX o teriam feito.

Spinoza deixou uma obra relativamente pequena em volume, mas grandiosa em seu conteúdo. Destaca-se, a sua obra prima, a *Ética, demonstrada à maneira dos geômetras*, de 1677, verdadeiro tratado de geometria filosófica (ou filosofia geométrica), dividido em cinco partes: *De Deo*; *De natura et origine mentis*; *De natura et origine affectuum*; *De servitute humana, seu de affectuum viribus* e *De potentia intellectus, seu de libertate humana*<sup>33</sup>, escritas na forma dos Elementos de Euclides, com inúmeros axiomas, definições, lemas e proposições demonstrados através de exaustivas deduções lógicas, além de suas conseqüências particulares, denominadas de corolários, e comentários denominados de escólios. Trata-se de uma das mais importantes obras filosóficas de todos os tempos e ao longo da qual os leitores não poderão omitir sequer uma de suas deduções, mesmo aquelas que lhes parecerem

triviais, ou até mesmo desinteressantes, sob o risco de perderem a sequência e a conexão das ideias que no final, como prêmio, surgir-lhes-ão tão claramente como a demonstração de um teorema de Euclides. Segundo o mencionado filósofo e matemático Friedrich Jacobi, “aquele para o qual uma única linha da *Ética* continuar obscura não poderá dizer que entendeu Spinoza”<sup>34</sup>.

No *Tratado Teológico Político* de 1670, Spinoza coloca os problemas das relações entre a religião e o estado, criticando toda a forma de estado teocrático, bem como questionando as visões proféticas, que lhe parecem ter sido escritas em linguagem metafórica, que não podem ser tomadas ao pé da letra, nem entendidas anacronicamente. Possivelmente, as ideias contidas nessa obra revolucionária e contestadora, não só para o judaísmo do séc. XVII, mas em relação às outras religiões ocidentais, tivessem sido a causa de sua expulsão da comunidade judaica de Amsterdã, ocorrida, no entanto, antes da publicação do livro. No *Tratado da Correção do Intelecto* de 1662, que tem como subtítulo “caminho pelo qual melhor se dirige ao verdadeiro conhecimento das coisas”, Spinoza propõe o conhecimento das coisas a partir de suas causas, o que significa descobrir o modo como algo é produzido, e não simplesmente a sua descrição.

No *Tratado Político*, ele se antecipa em cerca de meio século aos Iluministas franceses, mostrando como o estado original de natureza do homem pode se projetar na forma de um contrato social. Nos *Princípios da Filosofia de Descartes* de 1663, faz uma exegese da filosofia de Descartes, já esboçando alguns elementos de sua própria, e finalmente — não em ordem cronológica — escreve uma *Gramática da Língua Hebraica*, importante para o entendimento da linguagem bíblica e, por conseguinte, das alegorias e metáforas proféticas.

Concluo esta precária e resumida biografia refletindo à moda dos psicanalistas sobre o possível significado que o *ledakant* teve para Spinoza. A cama e o cortinado que o isolava do mundo externo foram o útero primordial, aquecido e protegido, no interior do qual tinha sido gestado, e que, ao longo de sua existência, foi o abrigo onde pôde repousar, seguro das agressões e da intolerância de uma época estreita demais para conter sua filosofia. Para ele, o *ledakant* foi maior que o mundo...